

THALITA REBOUÇAS

360 DIAS
DE SUCESSO

THALITA REBOUÇAS

360 DIAS
DE SUCESSO

The title '360 DIAS DE SUCESSO' is rendered in a bold, black, hand-drawn font. The number '360' is large and prominent. The word 'DIAS' is smaller and positioned to the right of '360'. 'DE' is written in a smaller, simpler font below 'DIAS'. 'SUCESSO' is the largest word, written in a highly decorative, cursive style with elaborate flourishes. The entire title is set against a background of grey splatters and ink-like textures. To the right of the '0' in '360', there is a large, stylized star with a curved tail, and a smaller five-pointed star above it. Below the word 'SUCESSO', there are two small heart shapes, one solid black and one with horizontal stripes.

ROCCO
JOVENS LEITORES

Copyright © 2014 by Thalita Rebouças

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 | Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil | Impresso no Brasil

ROCCO
JOVENS LEITORES



Gerente editorial
Ana Martins Bergin
Equipe editorial
Elisa Menezes
Larissa Helena
Milena Vargas
Manon Bourgeade (arte)
Viviane Maurey

Assistentes
Gilvan Brito (arte)
Silvânia Rangel (produção gráfica)
Revisão
Sophia Lang
Wendell Setubal
Projeto gráfico
André Tavares

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

R242t

Rebouças, Thalita, 1974-
360 dias de sucesso / Thalita Rebouças. – Rio de Janeiro: Rocco
Jovens Leitores, 2014. – Primeira edição.

ISBN 978-85-7980-220-1

1. Ficção infantojuvenil brasileira. 2. Rock – Música. I. Título:
Trezentos e sessenta dias de sucesso. II. Título.

14-15198

CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



PREFÁCIO

Quando me chamaram para escrever este livro, pensei: não sou escritor, mas por que não contar como foram os 360 dias mais intensos da minha vida? Por que não mostrar aos fãs os bastidores daquele período de fama arrebatadora e, agora, sinto-me à vontade para dizer, despropositada?

Até hoje, oito anos depois do fim da banda, há quem peça a nossa volta, mas isso está fora de questão. Fizemos muito barulho no pouco tempo que duramos, vivemos mil anos em um e certamente tínhamos mais estrada para trilhar. Mas muitas coisas nos impediram de seguir em frente.

Além de vasculhar a memória, o que narro aqui me foi contado pelos integrantes da banda — na época de sua parca existência e em reencontros ao longo deste ano. Para ser o mais fiel possível à história, também entrevistei pessoas que estiveram por perto o tempo todo acompanhando o processo. Por isso, garanto, caro leitor: o que está escrito aconteceu.

Sei que ouvirei reclamações do tipo “não foi exatamente assim”. Ok, estou pronto para isso. Afinal, o que você lerá é praticamente a

biografia de uma banda — e muitos biógrafos são duramente criticados por seus biografados. Mas garanto que, mesmo mostrando aqui discussões que se tornaram verdadeiros barracos, além da minha decepção ao ver o sucesso mudando as pessoas, meu objetivo não é polemizar, e sim voar de volta para o ano em que tudo aconteceu.

Topei o desafio de contar a história porque quis lembrar, acari-nhar os fãs, deixar registrada a loucura que vivemos e, quem sabe, até ajudar quem pensa em abraçar a música como profissão.

Obrigado por embarcar comigo nesse voo.

— G.

março de 2021



PEDRO

▶ Tocou flauta antes mesmo de falar. É o que contava a avó de Pedro. Depois da flauta, veio o violão; do violão, o piano; do piano, o baixo; do baixo, o que realmente o deixava feliz: a guitarra. Desde cedo diziam que o garoto era um virtuose, um multi-instrumentista “igualzinho ao Paul”, exagerava Paulão, o pai, comparando o filho a um tal de Paul McCartney, baixista dos Beatles que também é fera na arte de tocar vários instrumentos e um ícone para todo e qualquer músico. A mãe, Marisa, preferia chamá-lo de “meu Jimi Hendrix”, referindo-se a um dos maiores gênios (se não o maior) da guitarra de todos os tempos. Pais, esses seres sempre corujas.

Antes mesmo que a música entrasse em sua vida, Pedro conheceu Theo, ambos ainda nas barrigas de suas mães, amigas de faculdade. Vizinhos num condomínio de endinheirados da Barra da Tijuca, os dois faziam tudo juntos: jogavam bola, andavam de skate, pegavam onda e estudavam na mesma escola.

Pedro sempre gostou de tocar. Qualquer caixa de fósforos era instrumento para ele. Já Theo só começou a aprender violão com

15 anos e, nas aulas, por ter se interessado por uma colega de turma, resolveu se empenhar em cantar também. Pegou a garota e manteve-se um violonista muito do mediano, mas descobriu que cantar espantava os males, as angústias, as dúvidas sobre futuro e profissão, e ainda podia ajudar a chegar nas meninas mais difíceis.

— Cantar acompanhado de viola é um ímã de mulher, Pedro!
— Theo constatou logo que começou a levar um som em festinhas de amigos, munido de um banquinho e um violão.

Aos 16 anos os dois amigos passavam tardes inteiras embriagando-se de música na casa do Jimi Hendrix dos trópicos. Pedro na guitarra ou na viola, Theo, que continuava aplicado e motivado nas aulas de canto e violão, soltando o gogó em covers de Red Hot Chili Peppers, Nirvana, Arctic Monkeys e System of a Down. Parecia um vício: quanto mais deixavam a música entrar, mais contato queriam ter com ela. Pedro bem que tentou ensinar novos acordes para o amigo, mas o negócio de Theo era mesmo afinar as cordas vocais.

— Você é bom demais, cara! Pra tocar do seu lado tem que ser muito fera! Isso nunca vai rolar, morro de vergonha! — justificava Theo.

Com o tempo, Pedro começou a cantar junto, e o resultado agradou a quem ouvia.

— Está ficando boa essa brincadeira, hein? Estou gostando de ver, quero dizer, de ouvir — comentou Paulão, após ouvir uma versão da dupla dinâmica de vizinhos para “Wish You Were Here”, do Pink Floyd, o hino obrigatório de todos que aprendem a tocar violão (tão fácil que até o Theo tocava).

— Sérioo, pai? — duvidou Pedro.

— Sérioo! Que tal marcar um churrasco no fim de semana pra vocês fazerem uma apresentação pra gente? Theo chama os pais,



a irmã, o namorado dela e quem mais quiser chegar, e o ponto alto do dia vai ser o show. Que tal?

— Show? Pô, Paulão, valeu, mas, como você mesmo disse, é só uma brincadeira.

— Mas por que não tentar ir além? Sua voz combina com a do Pedro e com a guitarra dele.

— Mas assim? Só eu e o Theo? Não vai ficar meio dupla sertaneja? — questionou o guitarrista.

— Ah, não! Sou do rock, sertanejo universitário nem pensar! — resmungou Theo.

— Até porque nem na universidade vocês estão, certo? Seria sertanejo escolar mesmo — debochou Paulão.

E saiu deixando a pulga atrás da orelha do Pedro, que estava acostumado aos elogios rasgados do pai, mas daquela vez notara algo diferente. Ou talvez quisesse acreditar que seu progenitor tinha sido menos pai e mais ouvinte.

O comentário do Paulão também não passou incólume por Theo, que chegou a franzir o cenho ao ouvir a palavra “show”.

— Show... — pensou em voz alta.

Mas logo o celular do novo cantor da praça tocou para tirá-lo do cenário montado em sua imaginação.

— Oi, mãe. Tá, tô indo. Não, mãe, só mais uma e vou. Eu sei, vou estudar quando chegar. Tá... Tá bom! Já vou! — estourou ao desligar.

Pedro se adiantou:

— Vai lá, cara. Não adianta contrariar sua mãe. Amanhã a gente toca mais.

— A prova de Física é só daqui a dois dias, e ela já quer que eu me mate de estudar, pô! Custava me dar um pouquinho de moral

em alguma coisa? É só crítica, só crítica! — desabafou Theo. — Vou nessa. Não dá mesmo pra cantar depois desse banho de água fria.

Durante o jantar, Pedro não resistiu:

— Como é que você consegue ser amiga da tia Alina, mãe? Você é tão maneira, e ela é tão mala...

— Ela não é mala... É apenas uma mãe preocupada, acha que o Theo vai apanhar muito da vida se continuar acreditando que tudo é um eterno mar de rosas.

— Mas nessa idade eles podem achar isso mesmo, meu amor.

— Mais ou menos, né, Paulão? Aprender a ter responsabilidade é muito importante. E vida só se tem uma, Pedro. A gente se preocupa com o futuro de vocês.

— Mas se preocupar com o futuro quer dizer ignorar o presente?

— Boa, filho!

— Paulão! — Marisa aumentou o tom de voz enquanto arregalava os olhos para repreender o marido.

— Ah, Marisa, a Alina não faz nada da vida, só malha, vai à praia, ao salão e ao dermatologista e enche o saco dos filhos. Podia ser mais paciente, menos intransigente... Ela não era assim quando eu a conheci.

— Não era mesmo, era bem mais leve. Mas as pessoas mudam.

— Podia ter mudado para melhor, não? Coitado do Theo, o menino é gente boa. Quando o cara começa a ficar feliz, a mulher acaba com o dia dele.

— Só porque ele já avisou que não vai trabalhar com o pai — entregou Pedro.

— Ok, ele não quer trabalhar com o Ricardo! E daí? Qual o problema?



— Mas vocês são futriqueiros, hein? — cutucou Marisa. — Julgar é fácil, a gente não sabe o que acontece da porta pra dentro na casa deles. E não gosto que a gente passe tanto tempo falando da vida dos outros. Vamos mudar de assunto, por favor?

— Você já ouviu o espetáculo que é o seu filho tocando e cantando com o Theo?

— Claro que já — respondeu Marisa, com um sorriso orgulhoso no rosto.

— Pensei em pegar os instrumentos do Pedro, botar no quarto de hóspedes, que não recebe ninguém nunca, e fazer um tratamento acústico pra eles ensaiarem direito, com amplificador, uns microfones... Um espaço para ensaio, sabe?

— Tá brincando! — reagiu Pedro, animado.

— Só pode estar brincando — disse Marisa, irritada.

— Não entendi o tom. O que é que tem montar um espaço para o Pedro ensaiar? Enfim ele arrumou alguém para praticar, a música agora pode ser mais que uma diversão. Chegou a hora de o nosso filho ter um estúdiozinho. Não faz mais sentido ele tocar no quarto.

— Concordo. Mas acho que a garagem é o melhor lugar para isso.

— Mas a garag...

— Paulão, a garagem é enorme, cabe um supermercado lá dentro além dos nossos carros. Não vou acabar com o quarto de hóspedes. Onde é que a mamãe vai ficar quando vier visitar a gente?

— Num hotel. Seria tão melhor...

— Olha aqui, seu debochado, vai ser na garagem, e não se fala mais nisso. Ou então a gente desmonta seu escritório para montar o tal lugar de ensaio.

— Eu TRABALHO no meu escritório, dona Marisa...

Sempre bem-humorado, Paulão tinha o que chamam por aí de *home office*. O pai de Pedro era do mercado de ações e passava a maior parte do tempo em casa. Arriscou abandonar o emprego em uma empresa para ter mais qualidade de vida, ser seu próprio chefe e fazer seu horário. Deu certo. “A vida ajuda quem não tem medo de correr riscos”, costumava dizer, citando uma frase que um dia leu no Facebook. Ou em algum para-choque de caminhão.

— Eu decorei aquele quarto de visitas com muito esmero para ele virar um antro com microfones, fios, equipamentos, instrumentos e computadores.

— Marisa, acho que vou te chamar de Alina a partir de agora... — implicou Paulão.

— Engraçadinho!

— Mãe, mudando de assunto, a Babi pode vir almoçar aqui amanhã, depois da escola?

— Claro que pode. O que não devia poder era você, tão lindo, tão divo, namorar uma menina com aquele cabelo. Ela é muito bonitinha, mas devia cortar a juba! Parece uma maria-mijona! É tudo ruim, o tom, o comprimento, o fio reto... Cabelo loiro falso e mal pintado não pode ser muito comprido. Fica vulgar. E ressecado.

— Não tenho ideia do que é fio reto, só sei que pra mim ela fica linda de qualquer jeito.

— A paixão é cega mesmo. E não tem o menor senso de estética — espetou Marisa. — A Babi ficaria muito mais bonita com o cabelo escuro... E mais curto. Diz pra ela ir num bom cabeleireiro pra cortar e pintar o cabelo, filho.

— Digo não. Mas você pode dizer, eu não ligo... Alina... — zouo Pedro.



- Alina é a...
- Mãe, o que é isso? Modos à mesa!
- Ciúme, filho. Mãe de menino sempre morre de ciúme das namoradas — explicou Paulão.
- Imagina. A sua mãe sempre me amou, querido.
- Quem te disse?
- Ela.
- Até eu sei que a vovó não ia com a sua cara, mãe.
- Por quê? Eu sempre fui incrível!
- Pois ela achava que você tinha a personalidade muito forte. E que faltava modéstia. Por que será, amor?
- Tá ligada que ‘personalidade forte’ é sinônimo de chata, né?
- provocou Pedro.
- Mas você, Marisa, ao contrário da Alina, com o passar dos anos, só melhorou — atenuou o patriarca da família.
- Deixa a Alina em paz, a orelha da coitada deve estar fervendo!
- Amanhã vocês vão ensaiar mais, filho? — Paulão mudou de assunto.
- Irado você chamar o que a gente tem feito de ensaio, pai.
- Fiquei feliz ao ver a química entre você e o Theo. Porque vocês podiam ser amigos e não ter nenhum entrosamento na música. Mas vocês têm, e muito! Parece que tocam juntos há anos!
- Irado.
- Dois ‘irados’ seguidos? É isso mesmo? Não existe outra palavra no seu vocabulário?
- Os dois ignoraram Marisa.
- Muito bom ver que o Theo se rendeu à música. Era triste ver você aí, cheio de talento, levando um som sozinho. Quanto mais gente, melhor a brincadeira.

— Irado, pai!

— É sério? Outro 'irado'?

Novamente Marisa ficou no vácuo.

— Vocês deviam tocar umas brasileiras amanhã. Barão, Titãs, Legião, Cazusa, Nando Reis. Essas coisas que eu gosto e você gosta também.

— O imbecil do Theo odeia música brasileira — contou Pedro.

— Imbecil mesmo!

— Agora vocês vão xingar o pobre do Theo? — Marisa riu. — Filho, com jeitinho você aos poucos vai mudando a cabeça dele — sugeriu.

— Vou tentar, só que o cara é teimoso feito uma mula.

— Mas é um menino bom, bom caráter, bom coração, boa alma — pontuou o pai de Pedro.

— Ficou meio gay isso, hein, pai? — implicou o garoto.

— É. Ficou meio gay mesmo — concordou Paulão, entrando na brincadeira.

— Meio gay? Vocês dois são bobos mesmo. — Marisa encerrou o assunto, rindo da infantilidade de seus dois homens.

À noite, Pedro não conseguiu dormir. Quarto era coisa do passado. Ele teria uma sala de ensaio, um sonho desde que se descobriu um apaixonado por instrumentos. Não bastasse isso, Babi, a menina do cabelo ressecado que fazia seu coração bater mais forte, almoçaria com ele no dia seguinte!

A vida estava boa para o seu lado.